

Andrea Hofstaetter
Doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2009); Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2000) e Graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística: Habilitação em Artes Plásticas, pela Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo - FEEVALE (1994). Professora Associada do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS. Membro do grupo de pesquisa GEARTE - Grupo de Pesquisa em Educação e Arte - FACED/UFRGS.

Criação poética e utopia no campo do Ensino de Artes Visuais¹

Poetic creation and utopia in the field of Visual Arts teaching

Resumo: Este artigo apresenta uma trajetória de pesquisa, articulada ao ensino e à extensão, tendo como tema a concepção e produção de objetos propositores de aprendizagem para o Ensino de Artes Visuais na Educação Básica. São abordados alguns conceitos presentes no trabalho, como material didático, objeto propositor e objetos de aprendizagem poéticos e apresentados alguns referenciais artísticos. É intenção dessa investigação aproximar a produção de materiais didáticos de proposições artísticas, entendendo-se a atuação docente como ato poético. É abordado também o conceito de utopia, como marco de referência para a atuação poética docente.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais; material didático; objeto propositor; objetos de aprendizagem poéticos; utopia.

Abstract: This article presents the path of research developed for teaching and extension, its subject being the conception and production of propositional learning objects for teaching the Visual Arts in primary education. Some of the concepts in this work are discussed, such as didactic materials, proposer objects and poetic objects for learning, and we also present some referential artists. The intention of this investigation is to draw courseware production closer to the creation of art propositions, understanding the teacher's educational action as a poetic act. The paper also addresses the subject of utopia, as a benchmark for the teacher's educational action.

Keywords: Teaching Visual Arts; courseware; proposer object; poetic objects for learning; utopia.

Este texto, apresentado no VII Seminário de Pesquisa do Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, intitulado *Práticas artísticas e ensino em tempos de resistência*, aborda relações estabelecidas entre uma pesquisa sobre concepção e criação de materiais didáticos e objetos de aprendizagem para o Ensino de Artes Visuais, o pensamento utópico e a ideia de criação de materiais como poética. Serão enfocados, mais especificamente, os conceitos de Objeto propositor, Objeto de aprendizagem poético e o conceito de utopia.

O discurso se formula a partir de uma trajetória de pesquisa ligada ao ensino e à extensão, num tempo histórico de lutas quase que constantes pela permanência do Ensino de Artes em todos os níveis da Educação Básica e pela sua valorização no contexto educacional e pelas políticas públicas (desde a década de 90). É necessário, no contexto atual, não perder a esperança e conseguir enxergar possibilidades de abrir brechas, de sonhar acordada, de realizar projeções propositivas. Isso tem a ver com pensamento utópico.

Recorro a duas propostas artísticas instigadoras, como metáfora, para me referir à potência desestabilizadora e propositora do pensamento utópico. São elas: a *Experiência nº 2* (1931) e a *Experiência nº 3* (1956), de Flávio de Carvalho. A *Experiência nº 2* ocorreu na tarde de 7 de junho de 1931, no centro de São Paulo, por ocasião da tradicional procissão de Corpus Christi. Flávio de Carvalho, num ato de improvisação, não previamente planejado, iniciou a caminhar no contrafluxo dos fiéis, vestindo um chamativo e não convencional chapéu verde. Gritou algumas palavras de ordem, desafiadoras das rígidas normas sociais e religiosas daquele contexto histórico-social, tendo provocado um tumulto generalizado que demandou a intervenção da polícia. O artista alegou que estava fazendo um estudo

[1] Palestra realizada no VII Seminário de Pesquisa do Mestrado em Artes Visuais promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, no dia 05 de outubro de 2018. Este texto é composto de partes de textos já publicados em outros meios, como resultado de pesquisa, extensão e ensino, numa trajetória de atuação junto ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS e relacionada a projeto de Pós-doutorado junto à Faculdade de Educação da UFRGS.

e experimento sobre a psicologia das massas. Esse acontecimento, precursor da ideia de happening nas artes visuais, é relatado pelo próprio artista num livro de mesmo título: *Experiência n° 2*.

Na *Experiência n° 3* (Figura 1), Flávio de Carvalho, desta vez num ato anunciado e que foi acompanhado por uma multidão, caminhou pelo centro de São Paulo vestindo o traje *New look*, criado por ele mesmo, para o que ele chamava de “o novo homem dos trópicos” (PECCININI e MACHADO, s/d, p.1). Este modelo era composto por uma saia plissada, uma blusa, meia arrastão e sandália aberta. Considerava a roupa como um dos fatores que “mais influenciava o homem porque é aquilo que está mais perto do seu corpo e o seu corpo continua sempre sendo a parte do mundo que mais lhe interessa” (Idem). Essas ações performáticas precursoras dão conta de um desejo de mudança. Apontam para algo que está faltando, para algo que ainda não é.



Figura 1. Flávio de Carvalho. *Experiência n° 3*, 1956.
Fonte: <<https://goo.gl/a1wm3q>>.

Utopia

Um ativador da pesquisa e da ação poética do professor, para pensar o trabalho docente no campo das artes, no contexto contemporâneo, pode ser o pensamento utópico. A ideia de utopia, aqui presente, tem o sentido de envolver e mobilizar um pensamento que não se conforma com o que está posto, instituído. O pensamento utópico carrega consigo a força de apontar para a necessidade de encontrar e/ou de abrir brechas por onde possa se infiltrar outro modo de constituir-se. Em nosso campo de estudos e atuação, para outro modo de constituir-se escola, para outro modo de constituir-se professor, para outro modo de ser estudante e para outras maneiras de vivenciar situações de aprendizagem e de compartilhamento de experiências significativas.

Não se pode perder de vista, também, junto à potência do pensamento utópico, a potência criadora presente na própria produção artística, histórica e contemporânea, vivida no aqui e agora, que trata de questões que dizem respeito ao que está aí, no cotidiano, que faz parte da vida de estudantes, de professores, de pais e mães, de gestores, da comunidade escolar como um todo, inserida no laço social. A arte de todos os tempos tem potência para abrir novas possibilidades de pensamento e de atuação sobre o presente. Relaciona-se com a arte do presente. O ato criativo é atemporal e permanece com a força instituinte, atuante na constituição de obras e manifestações poéticas.

De acordo com Ernst Bloch, autor da obra *O Princípio Esperança*, “cada obra artística e cada filosofia tiveram e ainda têm uma janela utópica onde se inscreve uma paisagem que apenas e permanentemente se esboça...” (BLOCH apud VERNER, 2000, p.175). O que move o pensamento utópico é uma força instauradora da ordem do “ainda não”. Ele se manifesta no discurso ficcional - e no

ato criativo. O ato criativo tem a força de abrir brechas e criar novos sentidos.

Há que considerar-se que na criação de objetos propositores e de proposições de aprendizagem em artes visuais, nesta perspectiva, a dimensão do pensamento utópico, presente no ato criativo, é também atuante. Trabalhar com Ensino de Arte pressupõe criar brechas. Exige transpor concepções cristalizadas historicamente e propor alternativas para o cotidiano escolar. Os materiais de trabalho são tão importantes neste processo como o são os sujeitos envolvidos. O conceito de objetos propositores poéticos surge, nesse sentido, para apoiar a busca por meios e recursos que se articulem neste contexto, dando suporte às ações e ao pensamento próprios do fazer poético, nosso objeto de estudo.

Pensamento utópico como motor

Ao conceber a atuação do professor propositor como poética, e os objetos propositores como poéticos, não se pode deixar de referir a dimensão utópica que neles está contida. Se, para Bloch, toda obra artística tem em si a ideia de utopia, a atuação docente em arte também possui esta dimensão.

Segundo Ernst Bloch, a utopia é a esfera do desejo, das esperas e da esperança, e ela engloba a arte em geral, toda espécie de antecipação cultural. A obra de arte nos coloca no limite de possibilidades atuais-reais do mundo e da sociedade: ela é, em si mesma, abertura de um espaço de manifestação do que ainda não é, espaço utópico que Bloch designa como “um laboratório mas também uma festa de possibilidades executadas como também de alternativas nelas experimentadas. (VERNER, 2000, p.188)

A utopia não é, como comumente se ouve, de acordo com o senso comum, algo desconectado da realidade e sem uma efetiva

força de atuação na sociedade, produzindo apenas visões ingênuas ‘inalcançáveis’ e ‘irrealizáveis’. Os grandes relatos utópicos sempre apresentaram perspectivas de mudanças radicais nas estruturas sociais vigentes no momento em que foram elaborados. Desse modo sempre estiveram em desacordo com o tempo presente, colocando-se como crítica à ideologia dominante.

Para Bloch, todo o pensamento e desenvolvimento do conhecimento no mundo ocidental, têm a marca do “dado pronto”. Tudo já está determinado em nossa cultura e no nosso modo de organização social. Identidades, valores e juízos são padronizados. Diz ele:

Este mundo, onde ele é compreendido historicamente, é um mundo da repetição ou do grande sempre-outra-vez, é um palácio de fatalidades, como Leibniz o denominou sem romper com ele. O evento torna-se história; o conhecimento, rememoração; a festividade, comemoração do que já ocorreu. (BLOCH, 2005, p.16).

Sentimos, na instituição escolar, os reflexos dos processos de homogeneização social. Nossos estudantes e nós, professores, buscamos alternativas para construir subjetividades, articulações coletivas, lutando para considerar as diferenças, a multiplicidade e a diversidade que compõem nosso cotidiano. Precisamos insistir, diariamente, pela permanência ou pelo despertar de um desejo de vontade criadora.

Para Bloch a obra de arte tem a força utópica de participar da reconstrução da sociedade presente, da transformação da realidade cotidiana. E isto, a partir da consciência do ato de vontade criadora. A partir dessa consciência é possível criar um “não-lugar”, extrapolando a ordem estabelecida. De acordo com Edson Sousa, estudioso de

Bloch, “o ato criativo adquire necessariamente uma potência crítica e de desequilíbrio dos saberes vigentes” (SOUSA, 2008, p.46). “Criar é abrir discontinuidades, interrupções neste fluxo do mesmo” (Idem, p.44).

A utopia implode qualquer burocracia pela sintonia que tem com o fazer poético tanto na sua condição de invenção de novas metáforas bem como (e talvez seja este o ponto mais radical) uma suspensão de sentido que reativa a imaginação. (SOUSA, 2006, p.12).

Sousa entende utopia “como experiência de um fazer; experiência poética onde a forma se encontra, inúmeras vezes, ameaçada pelo informe do amanhã. A utopia seria manter o amanhã como informe” (SOUSA, 2008, p.48). Nenhuma utopia, para este autor, “pode prescindir de uma prática que é condição mesma de sua enunciação. Assim, ela não pode se dizer de todo antes da ação e ao mesmo tempo sabemos que esta ação é fundamental para seu conceito” (In: SOUSA, Idem).

Para Bloch a categoria da esperança é o que vai permitir pensar um futuro que se engendra no presente, sendo o ato criativo uma força que pode causar perturbações ao instituído e sempre mesmo. Pela ação criadora se pode construir o que ainda não foi pensado, já que, como ele diz, “a aglomeração das coisas havidas obstrui totalmente as categorias do futuro” (BLOCH, 2005, p.180).

Penso que o trabalho do artista se inscreve nesta categoria, de produtor de utopias, assim como o trabalho do professor de artes visuais. O professor propositor possibilitará aos aprendizes o exercício do ato produtor de discontinuidades no instituído e de abertura para o novo. Os materiais que serão utilizados em situações de aprendizagem serão objetos propositores no sentido de proporcionar este exercício, abertos a novas experiências e à atribuição de sentidos múltiplos.

Projetos e objetos

Meu interesse atual de pesquisa é aprofundar os estudos sobre o conceito de Objeto de Aprendizagem Poético e sobre produções artísticas em que se opera com a proposição de experiências para o público, buscando possibilidades para a criação de materiais a serem utilizados em situações de aprendizagem na disciplina de Ensino de Artes Visuais, na confluência entre produções artísticas e proposições pedagógicas.

Continuo acreditando na necessidade de produzir pensamento e materiais para dar mais qualidade à educação. Precisamos continuar preparando professores para assumirem a difícil tarefa de educar com e a partir das artes, num contexto adverso e pouco motivador. O que nos move é o pensamento utópico – mesmo que não saibamos disso ou que não nos ocorra nomear assim essa força movente.

A questão da produção de objetos propositores ou materiais didáticos para o Ensino de Artes Visuais vem sendo objeto de estudo da pesquisa intitulada *A criação de materiais didáticos como ato poético*, em curso desde agosto de 2018, mas que dá continuidade a uma trajetória iniciada em 2009.

Esta pesquisa visa apontar possibilidades para a inserção de novos recursos pedagógicos no contexto escolar ou em outros espaços educativos, focando a ação do/a professor-a/propositor-a/pesquisador-a e a produção de situações de aprendizagem que possibilitem uma vivência aproximada àquilo que pode ser produzido em contato com obras artísticas que propõem participação e ação do público.

Este projeto de pesquisa está ligado ao projeto de extensão chamado de Núcleo de criação de objetos de aprendizagem para artes visuais - NOA, existente desde 2012, e que reúne um grupo de

estudantes de graduação de Licenciatura em Artes Visuais, e outros interessados, com o objetivo de produzir materiais educativos e jogos para o ensino de artes visuais, trabalhar com a formação de educadores interessados em produzir e utilizar esse tipo de material e refletir sobre a importância da presença de materiais didáticos e objetos de aprendizagem em diversos contextos educativos, ligados às artes visuais.

Estes projetos foram elaborados considerando-se que há necessidade de um maior desenvolvimento de pesquisa neste campo, abrangendo o que diz respeito a modos de aprendizagem intermediados por materiais educativos, especialmente elaborados para este fim, com autoria de professores pesquisadores, na e para a área de Ensino de Artes Visuais.

Também é desenvolvido um trabalho de reflexão e produção de materiais didáticos na disciplina de Laboratório de Construção de Material Didático, do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, mais especificamente.

De quais materiais didáticos estamos falando?

Quando se fala em material didático é comum ouvir definições muito abrangentes, como: material didático é qualquer material de sirva de apoio para a aprendizagem. Vários autores já estudados, do campo da educação e da educação em artes visuais, tratam do tema com um olhar bem alargado, a partir do qual qualquer objeto ou material poderá se tornar um material didático quando a intenção do educador nisso o transformar.

Concordamos com essa visão. Porém, o conceito de material didático com o qual estamos trabalhando restringe-se a certo tipo de material, especialmente elaborado por professores ou educadores, com o intuito de participar de uma situação de aprendizagem que

envolva os sujeitos, que possibilite uma vivência, a experimentação de determinados conhecimentos, de forma lúdica, participativa, ativa.

Interessam-nos, em nossa abordagem e propostas, outros conceitos que se agregam ao que entendemos como material didático e que ampliam as suas possibilidades.

Os materiais didáticos estarão, necessariamente, ligados a uma concepção de aprendizagem. Sua forma e modo de utilização em sala de aula ou outros espaços educativos, identificam como se entende que se processa a aprendizagem.

Os materiais serão determinantes, por exemplo, da forma com que se dá a relação entre professor ou educador e aprendizes. Um material didático pode, inclusive, prescindir da atuação direta do educador. Há materiais que estimulam a troca de experiências e há materiais que a impedem. Há materiais que se abrem a perspectivas múltiplas e includentes. E os há que se fecham sobre uma única forma de compreensão, excludente.

Para Paulo Freire,

O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser objeto dela [...] É uma busca permanente de si mesmo [...] Esta busca deve ser feita com outros seres que também procuram ser mais e em comunhão com outras consciências. [...] A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos, caso contrário domesticamos, o que significa a negação da educação (FREIRE, 1983, p.28-30, 32).

Objeto propositor

Um dos conceitos-chave de nosso trabalho é o conceito de objeto propositor. No livro *Mediação: provocações estéticas*, de 2005, Mirian Celeste Martins e um grupo de alunos do Curso de Pós-

Graduação do Instituto de Artes da UNESP (MARTINS, 2005) expõem a concepção de objeto propositor, junto ao resultado de elaboração prática de materiais para a aprendizagem em artes visuais, envolvendo diferentes níveis e modalidades de ensino.

Objetos propositores, para este grupo, são “suporte, aberto e múltiplo, para o desafio de promover encontros significativos com a arte e a cultura” (MARTINS, 2005, p.94). A artista inspiradora para a formulação deste conceito é Lygia Clark, que em determinado momento de sua trajetória passou a se denominar como propositora e não mais como artista. Sua atuação direcionou-se para a produção de objetos propositores, que não mais se destinavam à apreciação, mas, sim, à vivência de experiências, com a participação e interação entre público e obra.

Os objetos propositores serão criações dos educadores que levarão em conta a necessidade de abarcar a multiplicidade e a diferença, e de criar condições para que cada aprendiz se aproprie do seu processo de produção de conhecimento.



Figura 2. Lygia Clark. Diálogo, 1968. Fonte: <<https://goo.gl/7WeZuN>>.

Os objetos propositores possibilitarão que cada um tenha uma experiência de aprendizagem singular, em que nada está previamente definido como possibilidade única.

Um objeto propositor não será condicionador da experiência, mas oportunizará o surgimento do novo, do inusitado, do ainda impensado, da contribuição de cada um.

Objetos de Aprendizagem Poéticos

Ampliando o conceito de objeto propositor, temos a contribuição de Tatiana Fernández e Belidson Dias, que nos apresentam a ideia de Objetos de aprendizagem poéticos (OAP). Os OAP propõem a desterritorialização de uma concepção de educação inserida na formação do conceito de Objeto de aprendizagem – OA. Posicionam a ideia inicial de Objetos de aprendizagem num território poético, transformando-a. Os autores, referenciados no pensamento de Deleuze e Guattari, compreendem os Objetos de Aprendizagem Poéticos como produtores de territórios de subjetivação em contextos de educação.

Os Objetos de aprendizagem, no contexto da utilização de tecnologias da informação e comunicação na educação, inicialmente correspondem a uma visão mecanicista e econômica da aprendizagem, tendo uma função de hegemonização na educação. Os OAP, sob outra perspectiva, contribuem para processos de singularização que abarcam a diferença e a pluralidade, abrindo-se a variadas formas de produção de aprendizagens em arte.

Os Objetos de aprendizagem poéticos, como dispositivos sensíveis, provocam encontros e novos agenciamentos entre os sujeitos, os objetos, os espaços, os processos e resultados das aprendizagens. Abrem-se ao inusitado, possibilitam contágios, contaminações e hibridações, que, por sua vez, podem mudar as

formas de aprender e conhecer (FERNÁNDEZ e DIAS, 2015).

Sob a perspectiva dessas contribuições conceituais, entendemos que a ideia de material didático se restringe e, ao mesmo tempo, se alarga. Restringe-se no sentido de que não se trata de “qualquer coisa”. É material especialmente criado, com determinado objetivo, elaborado com muito planejamento e com certas características ou atributos que têm relação com uma concepção de aprendizagem. Alarga-se no sentido de que inclui a dimensão poética, que faz do professor ou educador um propositor de experiências de aprendizagem.

Para alavancar a construção de materiais didáticos poéticos, lançamos mão da experiência ou do contato com certas proposições artísticas. Nosso objeto de estudo são produções visuais, da arte ou da cultura visual, onde encontramos farto manancial de referência para o tipo de material que desejamos produzir.

De que tipo de proposições artísticas lançamos mão?

Proposições feitas por artistas podem ser modos de ativação poética do pensamento. O trabalho de educadores em Artes Visuais pode transpor concepções fechadas e repetidamente instituídas e pode ganhar dimensão poética. Entendemos que o professor de artes visuais, além de ser um propositor, é um produtor de ações artísticas. Sendo a arte a matéria de seu trabalho, estará presente em suas propostas e em seus materiais de trabalho, a potência da criação artística, que é sempre abertura ao informe.

Como já referido, em relação ao conceito de objeto propositor, Lygia Clark foi uma das pioneiras, no Brasil. Para contribuir com a reflexão e produção de objetos propositores poéticos, buscamos ampliar referenciais na arte contemporânea.

A arte contemporânea pode ser vista não apenas como conteúdo das aulas de artes visuais, mas também como forma de trabalho, como mote para a proposição de materiais e de situações de aprendizagem. Para a produção de materiais didáticos poéticos, que dialoguem com as questões do mundo atual e de interesse dos estudantes, como também com os conhecimentos da área, a arte contemporânea tem muito a oferecer. Há muitos artistas interessados em produzir formas de relação com o público, que deixa de ser espectador, para se tornar participante e cocriador da obra.

Dispositivos artísticos para a produção de materiais poéticos

Citamos como exemplo o trabalho intitulado *Polvo*, de 2000, de Michel Groisman (RJ, 1972). Trata-se de um jogo de cartas a ser efetivamente jogado pelas pessoas que quiserem conhecer o trabalho.

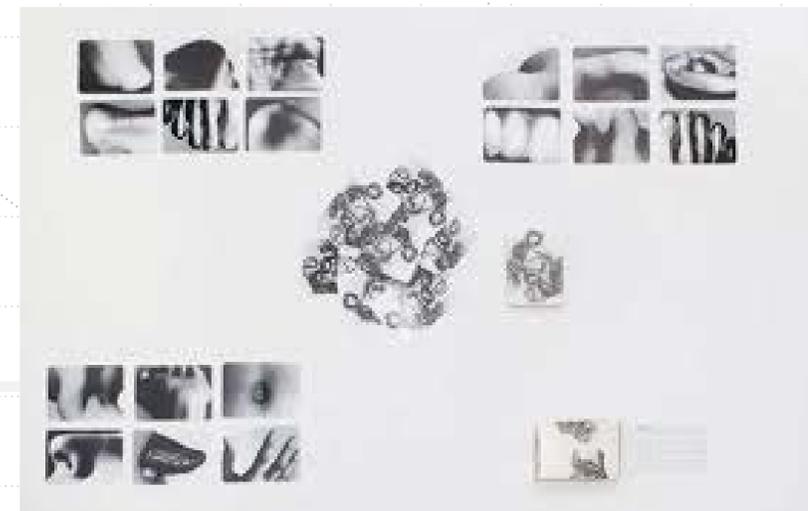


Figura 3. Marcelo Groisman. *Polvo*, 2000..

O jogo proposto envolve os participantes numa relação próxima, lúdica, curiosa e provocadora de reflexões sobre o corpo, sobre si, sobre o outro. Há intenções de produzir outro olhar sobre o corpo e suas relações, sobre o espaço e sobre modos de convivência.

Outra proposta deste mesmo artista é a *Máquina de desenhar*, de 2008. “Com a máquina de desenhar cada um experimenta o seu traçar conectado ao traçar do outro. Ao final, o desenho sobre o papel registra a relação entre os participantes”. A *Máquina de desenhar* é um dispositivo de agenciamento coletivo, que provoca uma experiência única a cada vez que um grupo de pessoas a utiliza. É um suporte aberto que produz múltiplos resultados. Faz mais sentido quando acionada por mais de um participante. Abre-se a um devir, é jogo que envolve corpos, registros de movimentos, articulados e tensionados. Pode provocar reflexões a respeito de como se fazem os agenciamentos não programados, por exemplo. Este modo de operar do artista, interessado em propor uma situação vivencial, pode sugerir modos de construção de materiais para uso educativo.

Outro trabalho que tem nos interessado, é o projeto *Cartogravistas de céus: proposições para compartilhamentos*, de Duda Gonçalves, em curso desde 2007. Em 2011 a artista defendeu tese de doutoramento em artes visuais, com pesquisa de mesmo título. Ela declara, em sua tese, estar interessada na produção de outro olhar sobre vistas e registros do céu, relacionando imagens, textos, cartões, adesivos e outros elementos obtidos através de compartilhamentos e trocas com outras pessoas. Os conceitos de proposição e compartilhamento são de interesse central em sua pesquisa, resultando em mapeamentos e invenção de modos de exposição e de circulação do trabalho. A artista também

realiza compartilhamentos através das exposições, por meio de dispositivos especialmente criados com este fim, chamados de observatórios.



Figura 4. Duda Gonçalves. Dispositivo de compartilhamento de cartões, em exposição realizada em 2011. Projeto *Cartogravistas de céus: proposições para compartilhamentos*. Fonte: Duda Gonçalves.

O trabalho opera por projetos propositivos, que incluem partilhas do processo de criação e distribuição, além de circulação. Não é apenas exposto para apreciação. É realizado a partir de colaborações e, posteriormente, é oferecido aos participantes da exposição.

Um desdobramento dessa proposta de compartilhamento e criação de dispositivos para tal é a proposição *Dispositivo ambulante para conversar, comer e desenhar observando a vista*, que foi realizada no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, em 2011. Esse objeto propositor trata-se de uma espécie de carrinho que disponibiliza materiais para desenhar, observar e comer, observando a vista. Ele se desloca

pelo espaço público, convidando os transeuntes a usufruírem do que tem a oferecer.

Essa proposta se aproxima muito do conceito de objeto propositor e de objeto propositor poético, centrais nesta investigação. É um constructo que ativa o contato entre pessoas e o uso de elementos propositores de ações e partilhas. O objeto vai até onde as pessoas estão e se abre a experimentações. Esse tipo de proposta interessa muito a quem pensar em produzir materiais didáticos poéticos para artes visuais.



Figura 5. Duda Gonçalves e Alice Monsell. Dispositivo ambulante para desenhar, observar e comer observando a vista. 2011. Fonte: As autoras.

Criação de objetos de aprendizagem poéticos no processo de formação inicial de professores de artes visuais

Há vários materiais produzidos no decorrer desses anos, em projetos do NOA, em trabalhos de Iniciação científica, em Trabalhos de Conclusão de Curso, em trabalhos feitos em aula.

A disciplina de Laboratório de Construção de Material Didático prevê em sua súmula a elaboração de projetos específicos para a construção de materiais didático-pedagógicos, visando a formação de professores para o Ensino de Artes Visuais.

Tem como objetivos a compreensão de aspectos teóricos sobre o desenvolvimento do ensino de arte, vinculados à prática, na elaboração de projetos para a construção de materiais didático-pedagógicos; a reflexão e a discussão a partir de diferentes abordagens sobre o Ensino de Artes Visuais para subsidiar a elaboração de projetos de aprendizagem com utilização de material didático; e a construção de materiais didático-pedagógicos para uso presencial e ensino à distância, em diferentes faixas de desenvolvimento cognitivo.

Além de refletir sobre aspectos do trabalho escolar e educativo com artes visuais, abordando concepções de aprendizagem e de ensino na área, os estudantes de graduação produzem materiais experimentais, com e sem uso de tecnologias. Estes materiais, entendidos como objetos propositores, dimensionados a partir de uma perspectiva poética, são apresentados, utilizados e avaliados, com o objetivo de que o processo de reflexão e elaboração sobre os mesmos se estenda para além do trabalho na disciplina. Muitos dos estudantes continuam reelaborando suas propostas no estágio supervisionado obrigatório e levam suas experiências e reflexões teóricas a respeito das produções, para o Trabalho de Conclusão de Curso. Outros se dedicam mais intensivamente a esta pesquisa participando do grupo de extensão a ela ligado ou atuando como bolsistas de iniciação científica junto ao projeto.

Apresentamos, como exemplo de pesquisa realizada em Trabalho de Conclusão de Curso, a investigação de Lucas Lima Fontana, intitulada Professor-criador de objetos de aprendizagem

poéticos: potencializando encontros no ensino de arte, realizada em 2016, ligada ao estágio de docência supervisionado obrigatório, ao final do curso. O autor se debruçou sobre a criação e utilização de materiais didáticos pelo professor/a de artes visuais, e manteve como foco a pesquisa e a prática poética, entendendo que os objetos de aprendizagem poéticos são os disparadores de aprendizagens significativas pelos estudantes. A intenção do autor foi produzir outra forma de relação entre professor/a e estudantes, e destes com o conhecimento, proporcionando contato com outras áreas de conhecimento na interação com os objetos propositores (FONTANA, 2016).

Nesta pesquisa foram produzidos diversos objetos poéticos propositores, entre os quais a Caixa metamórfica (Figura 6), que tem como atributo poder alterar a forma de apresentação e o conteúdo a ser trabalhado, de acordo com o andamento do projeto de estudos e dos interesses dos utilizadores. Através da caixa e de seu conteúdo cambiante, é possível entrar em contato com objetos, proposições, imagens, textos e realizar ações a partir do que todos esses elementos sugerem. E também é possível agregar elementos à caixa, na medida em que isto for de interesse e vontade dos grupos que com ela trabalharem.

Junto à caixa foram produzidos vários materiais suplementares, como a caixa com Piões de cores e a caixa com Paisagens postais e ainda agregados materiais de experimentação diversos, como o prisma de Newton, spots coloridos com as cores-luz primárias, o disco de Newton com motor giratório, exercícios com cores, impressos, e outros. Estes materiais suplementares podem ser utilizados junto à caixa ou em outras situações propositoras, que tenham focos variados e que suscitem a curiosidade e a vontade de aprender dos estudantes.



Figura 6. Caixa Metamórfica, 2016. Lucas Lima Fontana. Fonte: O autor.

Entendemos que uma das funções do educador é produzir objetos propositores, desencadeadores de processos de criação e pensamento singulares com os estudantes dos diversos níveis da educação. Pretendemos abrir novas possibilidades de interação, de partilhas, de ampliação de conhecimentos e de trocas significativas. Temos consciência da responsabilidade dos educadores em contribuir efetivamente para a transformação de práticas pedagógicas cristalizadas para práticas mais condizentes com uma concepção de aprendizagem participativa, num ambiente colaborativo, em que cada um é sujeito de sua própria aprendizagem, intermediada pelas ações, propostas e materiais de trabalho feitos com qualidade.

Retomando a ideia de utopia e com foco em formas de resistir, encerro esta reflexão com a frase de Edson Sousa, já mencionada anteriormente: “Criar é abrir discontinuidades, interrupções neste fluxo do mesmo.”

REFERÊNCIAS

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Volume I. Rio de Janeiro: EdUERJ - Contraponto, 2005.

FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. Objetos de aprendizagem poéticos: máquinas para construir territórios de subjetivação. Santa Maria/RS: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS-ANPAP, (24: 2015: Santa Maria, RS), Anais [recurso eletrônico] Santa Maria, RS, Nara Cristina Santos [et al] (orgs.), Universidade Federal de Santa Maria, PPGART; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPGAV, 2015.

FONTANA, Lucas Lima. **Professor-criador de objetos de aprendizagem poéticos**: potencializando encontros no ensino de arte. Porto Alegre: Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Instituto de Artes, UFRGS, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GONÇALVES, Eduarda Azevedo. **Cartogravista de céus: proposições para compartilhamentos**, 2011. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Porto Alegre, 2011.

GROISMAN, Michel. Site do artista. Disponível em: < <http://cargocollective.com/michelgroisman/filter/jogo/Maquina-de-desenhar> >. Acesso em 30 set. 2018.

MARTINS, Mirian Celeste (org.). **Mediação**: Provocações estéticas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação. V.1, n.1, outubro de 2005.

PECCININI, Daisy V. M.; MACHADO, Vanessa. Flávio de Carvalho. In: **Arte dos séculos XX-XXI**. s/d. Disponível em: <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo2/modernidade/eixo/cam/artistas/carvalho3.html>>. Acesso em: 30 set. 2018.

SOUSA, Edson Luiz André de. A burocratização do amanhã: utopia e ato criativo. **Revista Porto Arte**. Porto Alegre: UFRGS/IA/PPGAV, v.14, n.24, maio de 2008, p.41-51.

SOUSA, Edson Luiz André de. Furos no Futuro: Utopia e Cultura. In: SCHÜLER, Fernando e BARCELLOS, Marília de Araújo [orgs.]. **Fronteiras**: arte e pensamento na época do multiculturalismo. porto Alegre: Sulina, 2006, p.167-180.

TROJAN, Rose Meri; RODRÍGUEZ, Jesús Rodríguez. Os PCN's e os materiais didáticos para o ensino da arte: o que propõem? Florianópolis/SC: **Revista linhas**, V.9, nº1, jan. – jun. de 2008. Disponível em: <www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1397/1194>. Acesso em: 27 mar. 2016.

UTUARI, Solange. O professor propositor. In: ANAIS DO 24º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO: Arte e educação: Os desafios do professor de arte no mundo contemporâneo. Montenegro: Ed. da FUNDARTE, 2014.

VERNER, Lorraine. L'Utopie Comme Figure Historique Dans L'Art. In: BARBANTI, Roberto (Org.). **L'Art au XXe.Siècle et l'utopie**. Paris: L'Harmattan, 2000.